


**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA
CAIS DA SAGRAÇÃO DE JOSUÉ MONTELLO**

**THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF THE CHARACTER LOURENÇA
IN THE WORK CAIS DA SAGRAÇÃO BY JOSUÉ MONTELLO**

**LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD DEL PERSONAJE LOURENÇA EN LA
OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO DE JOSUÉ MONTELLO**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-300>

Data de submissão: 29/07/2025

Data de publicação: 29/08/2025

Aldenora Resende dos Santos Neta

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

E-mail: aldenora.neta@ufma.br

Ana Cleia da Silva Pereira

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: cleiasp.ana1@gmail.com

Cinthia Andréa Teixeira dos Santos

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: cinthianead@hotmail.com

Josilene dos Santos Sousa

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: josilenesousa1843@gmail.com

Peterson Jacob dos Santos Meili

Mestre em Teoria Literária

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

E-mail: peterson.meili@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise a respeito da construção da identidade da personagem Lourença pertencente a obra Cais da Sagração de Josué Montello, uma obra que se encaixa na Literatura Maranhense. A escolha desse tema para se trabalhar deu-se através de leituras e releituras da obra em questão, ao longo das leituras percebeu-se o comportamento submisso dessa personagem em toda a trama em relação ao seu Marido (Mestre Severino), um barqueiro. Esta moça tinha atitudes e agia de tal forma a chamar a atenção do leitor para seus comportamentos humilhantes, onde ela mesma se sentia muito bem realizando-os, isto acontecia por conta do amor que ela sentia por seu marido e pela gratidão que ela tinha por ele por conta dele a ter tirado da casa de seu pai, lugar onde ela sofria muito. O objetivo dessa pesquisa é descobrir e analisar quais fatores fizeram parte da construção da identidade dessa personagem e assim desvendar o que fez com que ela se tornasse esse

ser submisso e sólido capaz de sacrificar sua felicidade para ver seu marido feliz, ou seja ela, para ela o que importava era ver a satisfação de seu marido nem que para isso lhe custasse sua infelicidade. Para realização desta pesquisa foram utilizados estudos de artigos, livros e referencias teóricas de fundamental importância para tornar o trabalho mais científico. Contudo nesta análise estarão todas as respostas possíveis para os questionamentos levantados a respeito do tema escolhido para ser discutido e analisado.

Palavras-chave: Cais da Sagração. Construção da Identidade. Lourença.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the construction of the identity of the character Lourença, from Josué Montello's "Cais da Sagração," a work that fits within the Maranhão literature. This theme was chosen through readings and rereadings of the work in question. Throughout the readings, we noticed this character's submissive behavior throughout the plot toward her husband (Mestre Severino), a boatman. This young woman's attitudes and actions drew the reader's attention to her humiliating behavior, which she herself felt very comfortable performing. This was due to the love she felt for her husband and the gratitude she felt for him for taking her from her father's house, a place where she suffered greatly. The objective of this research is to discover and analyze the factors that shaped this character's identity and thus unravel what led her to become this submissive and solid being, capable of sacrificing her own happiness to see her husband happy. In other words, for her, what mattered was seeing her husband's satisfaction, even if it cost her unhappiness. This research used articles, books, and fundamental theoretical references to enhance the scientific nature of the work. However, this analysis will provide all possible answers to the questions raised regarding the topic chosen for discussion and analysis.

Keywords: Cais da Sagração. Identity Construction. Lourença.

RESUMEN

Este artículo presenta un análisis de la construcción de la identidad del personaje Lourença, de "Cais da Sagração" de Josué Montello, obra que se enmarca en la literatura de Maranhão. Este tema se escogió a través de lecturas y relecturas de la obra en cuestión. A lo largo de las lecturas, observamos el comportamiento sumiso de este personaje a lo largo de la trama hacia su esposo (Mestre Severino), un barquero. Las actitudes y acciones de esta joven llamaron la atención del lector sobre su comportamiento humillante, que ella misma se sentía muy cómoda interpretando. Esto se debía al amor que sentía por su esposo y a la gratitud que sentía por él por haberla sacado de la casa de su padre, un lugar donde sufrió mucho. El objetivo de esta investigación es descubrir y analizar los factores que moldearon la identidad de este personaje y, así, desentrañar qué la llevó a convertirse en este ser sumiso y sólido, capaz de sacrificar su propia felicidad para ver a su esposo feliz. En otras palabras, para ella, lo importante era ver la satisfacción de su marido, incluso si esto le costaba infelicidad. Esta investigación utilizó artículos, libros y referencias teóricas fundamentales para enriquecer el carácter científico del trabajo. Sin embargo, este análisis proporcionará todas las respuestas posibles a las preguntas planteadas sobre el tema elegido para su discusión y análisis.

Palabras clave: Cais da Sagração. Construcción de Identidad. Lourença.

1 INTRODUÇÃO

A obra "Cais da Sagração", de Josué Montello, é um importante marco na literatura brasileira, especialmente em sua abordagem das relações sociais e culturais que formam a identidade de seus personagens. Neste contexto, a personagem Lourença se destaca como uma representação complexa da busca por pertencimento e significado em uma sociedade em transformação. Montello, ao construir a trajetória de Lourença, não apenas relata sua vida, mas também reflete as tensões e dinâmicas da memória coletiva de uma comunidade.

O objetivo deste artigo é analisar a construção da identidade de Lourença e como sua narrativa está imersa nas experiências e nas memórias do coletivo, revelando a importância do ambiente social e histórico que a rodeia. A justificativa para esta análise reside na necessidade de compreender como as personagens fictícias podem representar, simbolizar e questionar as realidades de um contexto sociocultural mais amplo, contribuindo para a formação da identidade e da memória coletiva.

Para fundamentar esta pesquisa, serão utilizados autores que discutem a relação entre narrativa e identidade, como Stuart Hall (1997), que aborda a identidade como um conceito em constante construção social; e Paul Ricoeur (2000), que analisa a importância da memória e da narrativa na formação da identidade pessoal e coletiva. Através dessa interlocução teórica, espera-se elucidar como a personagem Lourença se insere na trama da memória coletiva, revelando as nuances da sua identidade, que são refletidas nas interações e nas vivências que compõem o "Cais da Sagração".

2 LITERATURA BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

A literatura Brasileira surgiu através de alguns escritos de viajantes colonizadores missionários europeus que vieram para as terras brasileiras, eles fizeram um documentário sobre essa terra que acabara de ser descoberta, neste documento havia muitas informações interessantes que fizeram com que despertasse o interesse de muita gente em querer se aproveitar da natureza belíssima que havia nesse lugar, principalmente por ser rico em flora e fauna entre outras belezas. A respeito da Carta de Caminha, Alfredo Bosi (2017, p. 108):

O que para nossa história significou uma autêntica certidão de nascimento, a Carta de Caminha a D. Manuel dando a notícia da terra achada, insere-se em um gênero copiosamente representado durante o século XV em Portugal e Espanha: a literatura de viagens. Espírito observador, ingenuidade (no sentido de um realismo sem pregas) e uma transparente ideologia mercantilista batizada pelo zelo missionário de uma cristandade ainda medieval: eis os caracteres que saltam à primeira leitura da Carta e dão sua medida como documento histórico.

Esses foram os primeiros escritos a serem documentados, apesar de não serem considerados o marco inicial da literatura brasileira, mas serviram de base para a formação dessa literatura e para a formação de nossa identidade.

A Carta de Caminha é o primeiro documento literário brasileiro. Carta descritiva com espírito ufanista (patriotismo, enaltecer o próprio país) e nativista. Foi parodiada de forma satírica por Oswald de Andrade, poeta modernista.

A Literatura Brasileira teve forte influência sobre a literatura portuguesa, pois por muito tempo toda produção literária no total era baseada no pensamento português, tudo partia da literatura portuguesa, e foi através do Romantismo que nossa Literatura Brasileira se tornou independente para criar sua própria história.

Os períodos literários também são conhecidos como escolas, correntes ou movimentos literários. Estudar os períodos literários ao longo da história é compreender o conjunto de valores artísticos, culturais e ideológicos do homem dentro de uma sociedade.

Sabe-se que o movimento literário brasileiro é bem amplo, e para que pudesse estudar e compreendê-lo melhor se fez necessário a divisão desta literatura, sendo assim foi dividida em algumas escolas literárias: Quinhentismo (1500-1601), Barroco (1601- 1728), Arcadismo (1768-1836), Romantismo (1836-1881), Realismo e Naturalismo (1881-1922), Parnasianismo (1882-1922), Simbolismo (1893-1922), Pré-Modernismo (1902-1922), Modernismo (e suas outras correntes que alcançam a Literatura contemporânea).

A LITERATURA QUE SE escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política.

Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo (VERÍSSIMO, José, 1915, p. 4).

Com a afirmação acima pode-se notar que a Literatura Brasileira apesar de possuir fortes influências da Literatura Portuguesa, conseguiu avançar, começando a criar sua própria literatura, ou seja, fazer história, se tornar independente para criar seus próprios movimentos literários.

Em 1500 a Literatura Portuguesa surgia e para facilitar sua compreensão foi dividida em algumas escolas literárias, o Barroco (que se divide em antropocentrismo e teocentrismo), que teve como marco inicial o poema épico Prosopopeia (1601) de Bento Teixeira, o Arcadismo que trazia a temática do Carpe diem que significa aproveitar o dia, seus poemas traziam temas bucólicos e

valorização da simplicidade, um deus representante era Tomás Antônio Gonzaga, o Romantismo que teve seu marco inicial com a obra *Suspiros poéticos e saudades* (1831) de Gonçalves de Magalhães, essa escola literária é dividida em três gerações: A primeira sendo nacionalista ou indianista, a segunda sendo a ultrarromântica e a terceira tendo a denominação de condoreira ou social, o Realismo que deu início com a publicação da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis.

O Naturalismo teve seu início com a obra *O mulato* de Aluísio de Azevedo, o Parnasianismo que representava na poesia o ideal estético “a arte pela arte”, o Simbolismo, os poetas dessa escola negavam a cientificidade, procuravam o vago e o incerto, o Pré-Modernismo valorizava a discussão sobre temas da realidade social e política brasileira, e o Modernismo dividido em três fases: a primeira abriu caminhos para vanguardistas, a segunda que tinha como preocupação registrar os problemas reais da realidade, na terceira os autores resolvem retomar uma postura mais normal em suas produções.

Professor Ubirá Costa (...) “É muito importa está atento ao contexto histórico em que a obra está inserida. A literatura nada mais é que um registro social de uma época. Reflete suas características e anseios. Por isso cada Escola Literária está envolta por aspectos exclusivos”. As escolas literárias existentes em nossa literatura carregam consigo suas diferenças e traços que fazem com que sejam reconhecidas diante as outras, ou seja, cada escola possui suas características específicas que as fazem diferenciá-las uma das outras, traços próprios que as marcam e trazem consigo a passagem de cada momento histórico dentro da história da literatura brasileira.

O Quinhentismo (o nome se deu assim por ser datada do ano de 1500), que representa o primeiro manifesto de literatura no Brasil, conhecido também como literatura de informação, que traz vários relatos descritivos e informativos sobre a fauna, flora e do povo que nessas terras habitavam quando os portugueses a descobriram no século XVI. A literatura de catequese também fez parte do movimento quinhentista, os textos dos Viajantes e dos jesuítas que por essas terras passaram contribuíram bastante para a formação dessa literatura, na época foram os jesuítas que catequisaram os indígenas. José Veríssimo (1915, p. 22) Ressalta:

AS LITERATURAS COMEÇAM sempre por um livro, que frequentemente não tem outro mérito que o da prioridade. Literatura oral, como foi primeiramente a nossa, é apenas uma acepção particular, larga demais e abusiva desse vocábulo. Não importa que esse livro seja uma obra-prima ou sequer estimável; basta que tenha a intenção, o feito e o caráter da obra literária.

O Barroco teve seu início no fim do século XVII e teve grande destaque em sua arquitetura, escultura, pintura e literatura. Foi no período colonial que o barroco começou a se desenvolver, pois foi quando a capital que era Salvador transferiu-se para o Rio de Janeiro e com isso o número de habitantes começou a crescer de forma considerável. O marco inicial dessa escola foi a publicação da obra “Prosopopeia” datada de 1601, escrita pelo autor Bento Teixeira representante da literatura; representante da pintura barroca estava lá Mestre Ataíde, um dos Maiores pintores barrocos, já na Escultura e na Arquitetura quem representou muito bem o Barroco Brasileiro foi o artista Aleijadinho.

As principais características do Barroco Brasileiro são, a Linguagem dramática, o Racionalismo, o Exagero e rebuscamento, o Uso de figuras de linguagem, a União do religioso e do profano, a Arte dualista, o Jogo de contrastes, a Valorização dos detalhes, o Cultismo que é um jogo de palavras e Conceptismo sendo um jogo de ideias.

Dentre os autores e obras do Barroco Brasileiro destacam-se: Bento Teixeira, com a obra “Prosopopeia”; Gregório de Matos, conhecido como “Boca do Inferno” por se utilizar de uma linguagem satírica em suas obras, autor de uma obra riquíssima que reúne mais de 700 poemas satíricos, líricos, eróticos e religiosos; Manuel Botelho de Oliveira com sua obra poética “Música do Parnaso”; Frei Vicente de Salvador com suas obras “História do Brasil” e “História da Custódia do Brasil”; e dentre as poesias de Frei Manuel da Santa Maria de Itaparica destacaram-se: “Eustáquio” e “Descrição da Ilha de Itaparica”. Antônio Cândido (1999) Ressalta:

No Brasil, o Arcadismo é contemporâneo da passagem do eixo político e econômico para o Sul. No Rio de Janeiro e nas cidades da Capitania das Minas Gerais ocorre o movimento cultural e literário mais característico na segunda metade do século XVIII e começo do século XIX, já ligados à crise do estatuto colonial e às aspirações de independência em relação à Metrópole.

O Arcadismo teve seu marco inicial no Brasil com a publicação de “Obras poéticas” datada de 1768, escrita pelo autor Cláudio Manuel da Costa, o nome dessa escola é oriundo das Arcádias, que eram sociedades literárias daquela época. As características que marcam esse período são: Exaltação da natureza, Valorização do cotidiano e da vida simples, pastoril e no campo, Crítica a vida nos centros urbanos, Modelo clássico, Linguagem simples, Utilização de pseudônimos, Objetividade, Temas simples (amor, vida, casamento, paisagem).

Alguns autores foram de grande importância para a manifestação dessa escola, entre eles merecem destaque: Cláudio Manuel da Costa, José de Santa Rita Durão, José Basílio da Gama, Tomás Antônio Gonzaga. E levando em consideração todos os autores árcades brasileiros, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga também merecem destaque.

O marco inicial do Romantismo no Brasil se deu através da publicação da obra “Suspiros Poéticos e Saudades”, um livro de poemas do autor Gonçalves de Magalhães, datada de 1836, não só essa obra, mas como também a “Revista Niterói” que marcou o início dessa manifestação romancista. As características que distingue essa escola são, o Rompimento com a tradição clássica; o Amor platônico, idealismo; a Idealização da mulher; o Subjetivismo e egocentrismo; o Indianismo; o Nacionalismo e ufanismo; o Culto à natureza; o Sentimentalismo exacerbado; o Maior liberdade formal; a Religiosidade; a Evasão e escapismo. Júlio Flávio Vanderlan (2012) ressalta:

No Brasil, o Romantismo teve início em 1836 com a publicação de Suspiros Poéticos, de Gonçalves de Magalhães, que poderia ser considerado o patrono do romantismo brasileiro devido a sua contribuição e atuação na produção desse período. O senso de relativismo colocado por Magalhães foi primordial ao desenvolvimento e concretização do movimento no Brasil.

O Romantismo Brasileiro se divide em três gerações, ou seja, em três fases românticas. A primeira fase caracterizou-se pelo Nacionalismo e pelo Indianismo, explorando temas como, natureza, sentimentalismo, religiosidade, ufanismo, nacionalismo. Os autores que tiveram participação nessa fase foram, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Teixeira e Souza, Araújo Porto Alegre e José de Alencar.

A segunda fase do Romantismo ficou conhecida como “Mal do Século ou “Ultrarromântica”, e como geração byroniana por ter forte influência da poesia do autor inglês George Gordon Byron. Essa fase possui muitos aspectos negativos e traz temas como, egocentrismo, negativismo, pessimismo, dúvida, desilusão, boêmia, exaltação da morte e fuga da realidade. Os autores representantes dessa fase são, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire.

A terceira fase romancista caracterizou-se pela poesia libertária e social, sendo conhecida por “Geração Condoreira” (o nome condoreiro está relacionado ao condor, uma águia que representa a liberdade), o autor francês Victor-Marie Hugo influenciou bastante nessa geração. Os primeiros autores que representaram essa fase no Brasil foram, Castro Alves, Tobias Barreto, Sousândrade. Tania Pellegrini (2014):

O complexo movimento realista português desenvolveu-se como uma intrincada rede de posições políticas e estéticas, que incorporam os aspectos citados, de várias maneiras, e é fenômeno de interesse para o Brasil porque ladrilhou um caminho já esboçado para a disseminação e enraizamento do realismo brasileiro.

A Escola Realista teve suas origens na França e no Brasil surgiu com a publicação da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” em 1881, escrita pelo autor Machado de Assis. Algumas características do Realismo Brasileiro são, a Inversão dos ideais do Romantismo; o Enfoque no homem e no seu cotidiano; a Crítica social; a Linguagem simples e objetiva; Personagens e ambientes descritos de forma detalhada. Dentre muitos autores e obras Realistas, se destacaram-se, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Quincas Borba de Machado de Assis; O Ateneu e Canções sem Metro, de Raul Pompeia.

O Naturalismo iniciou no Brasil com a obra “O Mulato” do autor Maranhense Aluísio de Azevedo, publicada em 1881. A linguagem coloquial; a Observação da realidade; o Retrato objetivo da sociedade; o Evolucionismo, cientificismo e positivismo; Descrição de ambientes e personagens; Problemas humanos e sociais são suas características. Aluísio Tancredo Belo Gonçalves de Azevedo, Adolfo Ferreira Caminha e Herculano Marcos Inglês de Sousa fizeram parte dessa Escola Naturalista.

O início do Parnasianismo no Brasil se deu através da publicação da obra “Fanfarras” em 1882, escrita pelo autor Teófilo Dias. Os autores dessa escola buscavam a perfeição estética para o sentido humano e por isso usavam o dilema “Arte pela Arte” em suas obras. Arte pela arte; Objetivismo e universalismo; Cientificismo e positivismo; Temas baseados na realidade, fatos históricos, mitologia grega e cultura clássica; busca da perfeição; Sacralidade e o culto à forma; Preocupação com a estética, metrifcação, versificação; Utilização de rimas ricas e palavras raras e Preferência por estruturas fixas, essas são as características encontradas nas obras parnasianas. Teófilo Dias, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia representam o Parnasianismo Brasileiro.

O surgimento da Escola Simbolista no Brasil deu-se através da publicação de “Missal” e “Broquéis” no ano de 1893 de autoria de Cruz e Sousa, sendo este considerado o maior representante desse movimento no País. A Não-racionalidade; o Subjetivismo, individualismo e imaginação; a Espiritualidade e transcendentalidade; o Subconsciente e inconsciente; a Musicalidade e misticismo e as Figuras de linguagem (sinestesia, aliteração, assonância), são as características presentes nessa escola. Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães e Augusto dos Anjos, figuras que representam o Simbolismo Brasileiro.

O Pré-Modernismo marca a transição entre as escolas Simbolista e Modernista, para alguns estudiosos ela nem poderia ser considerada uma escola por apresentar muitas produções artísticas e literárias distintas. Ruptura com o academicismo; Ruptura com o passado e a linguagem parnasiana; Linguagem coloquial, simples; Exposição da realidade social brasileira; Regionalismo e nacionalismo; Marginalidade das personagens (o sertanejo, o caipira, o mulato); e Temas: fatos históricos, políticos, econômicos e sociais, estas caracterizam o Pré-Modernismo Brasileiro. Estes

representam muito bem o Pré- Modernismo no Brasileiro: Euclides da Cunha, Graça Aranha, Monteiro Lobato, Lima Barreto e Augusto do Anjos.

Na primeira metade do século XX surgia o Modernismo tendo como marco inicial a Semana de arte Moderna, surgindo assim novos estilos literários. Estas caracterizam o movimento Modernista: Libertação estética; Ruptura com o tradicionalismo; Experimentações artísticas; Liberdade formal (versos livres, abandono das formas fixas, ausência de pontuação); Linguagem com humor e Valorização do cotidiano. Divide-se em três fases, a primeira conhecida como “Fase Heroica”, a segunda como “Fase de Consolidação” e a terceira como “Pós Modernista”.

Cada escola literária destacada anteriormente foi de suma importância, pois contribuíram para o enriquecimento da Literatura Brasileira, trazendo com elas nomes de grandes autores e obras que fizeram e ainda fazem história dentro de nossa literatura.

2.1 JOSUÉ MONTELLO: UMA VIDA LITERÁRIA

Josué de Sousa Montello nasceu na cidade de São Luís do Maranhão no dia 21 de agosto 1917, e faleceu na capital do Rio de Janeiro em 15 de março de 2006. Era filho de Antônio Bernardo Montello e Mância de Sousa Montello, ele ocupou por 51 anos a cadeira de número 29 da Academia Maranhense de Letras. Começou seus estudos em sua terra natal (São Luís – MA), onde despertou o desejo pela literatura, publicando assim seus primeiros escritos literários, estudou também no Liceu Maranhense cursando ginásio, depois deste percurso resolveu viajar para o Rio de Janeiro e se aprofundar em seus estudos. A respeito da criação do autor Josué Montello, Agda Adriana Zanela (2009) ressalta:

Criado para ser pastor protestante como seu pai e continuar administrando a loja da família, Montello logo cedo sentiu que seu caminho era outro: o das letras. Já aos quinze anos ensaiava seus primeiros textos, estudava exaustivamente os grandes mestres da literatura e publicava seu primeiro artigo, em 1932, no jornal O Imparcial, em São Luís, seguido de dois outros contos.

Montello mesmo sendo criado pelos pais para ser pastor, sentiu que no fundo não era aquilo que ele queria para a sua vida, o caminho da literatura despertou seu desejo, então resolveu seguir seus instintos e fazer parte do grupo de escritores. Publicou grandes preciosidades que ficaram conhecidas pelos seus enredos marcantes, como por exemplo: A décima noite (1959), Cais da Sagração (1971), Os tambores de São Luís (1975), Noite sobre Alcântara (1978), Janelas fechadas (1941), A luz da estrela morta (1948), Labirinto de espelhos (1952), Degraus do Paraíso (1965), A coroa de areia (1979), Largo do desterro (1981), O silêncio da confissão (1980), Aleluia (1982), Perto da meia-noite

(1985), Uma varanda sobre o Silêncio (1984), Pedra viva (1983), A última convidada (1989), Antes que os pássaros acordem (1987), Um beiral para bem-te-vis (1989), O baile da despedida (1992), O camarote vazio (1990), A mulher proibida (1996), Uma sombra na parede (1995), A viagem sem regresso (1993), Enquanto o tempo não passa (1996), Sempre serás lembrada (2000), A mais bela noiva de Vila Rica (2001), Herdeira trono entre outros.

Estas acima são algumas publicações do autor Josué Montello, percebe-se que ele teve um grande êxito de obras publicadas, sempre levou consigo a cultura de sua terra natal onde quer que estivesse, nunca negou sua cultura. Em suas obras são fáceis de encontrar aspectos de sua cultura local, as características de sua cidade natal são bem expressivas em suas produções, desde a linguagem, os personagens e até mesmo o espaço em que se passa a trama. Dito isto Rafael Serra (2010) Confirma:

Cantar a cidade de São Luís em seus vários aspectos, a partir de sua gente, a ponto de transformá-la em personagem, parece ter sido a grande ambição do autor, e o tempo e a memória suas grandes obsessões. Tais características fazem com que suas obras remetam ao mesmo tempo a mestres como Balzac, Poe, Virgínia Woolf, Proust, e, no Brasil, a Machado de Assis, Érico Veríssimo, Jorge Amado, entre outros.

Por incrível que pareça Josué Montello utiliza-se de todos os aspectos possíveis do Maranhão para repor em suas obras, em todo o seu conjunto de obras há traços nítidos da cultura maranhense, como por exemplo, as características visíveis são: o litoral maranhense, o centro histórico, os casarões, até mesmo a capital se torna personagem dentro de seus enredos, ele representa muito bem sua cultura local. Há artigos que comprovam que mesmo ele tendo que ir embora de São Luís e indo viver na capital do Rio de Janeiro onde veio a óbito mais tarde, ele nunca deixou de idolatrar sua cultura nativa, e que onde ele vivia, na mesa havia um mapa da cidade de São Luís do Maranhão, era esse mapa que lhe dava inspiração para escrever seus romances segundo algumas pesquisas encontradas e que muitos de seus trabalhos científicos foram feitos sobre essa mesa. Sobre o dito acima o artigo de Rafael Serra (2010) confirma:

O gosto do escritor por longas caminhadas por sua terra natal ou, quando distante dela, pelo passeio com os dedos pelo mapa da cidade, sobre sua mesa de trabalho, lembrando lugares e acontecimentos de outrora, reflete-se em seus romances, nas caminhadas evocativas de seus personagens, a desvendar a São Luís do passado.

Na cidade de São Luís na casa onde residia o escritor Josué Montello, hoje transformou-se em uma grande biblioteca onde estão expostos sobre vidros suas grandiosas produções, e alguns de seus utensílios domésticos que oferecem aos estudantes pesquisas precisas no ramo literário. Apesar de ter

se ausentado ainda conseguiu deixar um legado e história para os seus conterrâneos, pois mesmo estando longe ainda escrevia e publicava livros com cenários maranhenses, fazendo assim o levantamento da cultura Maranhense que em certo momento desta cultura entrou em decadência. Rafael Serra (2010) complementa:

Assim, quando Josué Montello inicia sua obra, a sociedade maranhense vivia sob a ideologia da decadência, da perda da identidade. Embora vivendo no Rio de Janeiro, o autor não se desliga da terra natal. Os romances maranhenses montellianos buscam recuperar, ressignificar e redimensionar a identidade maranhense, não a partir da sacralização do mito da Atenas Brasileira ou na recuperação de um passado de glórias intelectuais, mas na busca do Maranhão e do maranhense de suas lembranças, na pesquisa histórica, na visita às diversas camadas sociais, nas tradições, enfim, na recuperação da memória coletiva e do sentido que os acontecimentos históricos tiveram para essa sociedade que não se compõe só de letrados e intelectuais, que tem sua beleza, mas também suas mazelas.

Na citação acima nota-se o amor que autor sente por sua cultura e que nem mesmo a distância o fez desgrudar de sua personalidade como pessoa e de seus costumes adquiridos ao longo de sua trajetória, mesmo com toda distância estava ele ali preservando e reerguendo a cultura de seu povo que estava quase sendo apagada da história. Não só ele, mas muitos autores de sua época foram de suma importância para o levantamento e reconhecimento dessa cultura, quem faz a história de um povo é um próprio povo, sabe como? Na conservação de seus costumes, linguagem, entre outros, estes são os fatores fundamentais para a formação de uma cultura, e foi isso que Josué Montello entre outros autores fizeram, conservaram sua cultura e pregaram ela por onde passavam, não é à toa que sua casa localizada em São Luís (Maranhão) se tornou uma Biblioteca logo após a sua morte, passou de um ambiente doméstico para espaço reservado a pesquisas científicas aberto ao público.

Josué Montello antes de se tornar um escritor renomado fazia leituras de obras de autores bem conhecidos e se influenciou neles para começar seus escritos, sempre gostou de ler e escrever, leu tantos autores que fica até difícil encontrar um que ele ainda não tivesse lido, nessas leituras encontrou o interesse pela literatura que mais à frente o fez se tornar um homem das letras. Rafael Serra (2010) reafirma:

Uma das coisas que mais impressiona em Montello é seu fôlego para a leitura e para a escrita. Difícil citar um autor que ele não tenha lido, daí sua vasta erudição que transparece em sua linguagem e em seus textos. Na juventude leu os romances regionalistas de José Lins do Rego, José Américo de Almeida, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós e Amado Fontes, mas o molde de romance que o fascinava nesse período era o de Aluísio Azevedo e de Eça de Queiroz.

Muitos destes acima segundo alguns artigos, Josué usou como base para suas produções, ele lia muito romances e muitos foram utilizados por ele em seus escritos literários, mas como mostra a

citação acima, o estilo que mais o impressionou foi a dos autores, Aluísio de Azevedo e o de Eça de Queiroz. Rafael Serra (2010):

Nos romances de Montello, merece destaque a figura do idoso como depositário da memória. A ele o autor oferece um lugar de honra e uma voz privilegiada. Esse idoso opõe-se ao estereótipo a ele impingido pela sociedade moderna, competidora, que o coloca à margem por não ter mais serventia.

Um exemplo para essa afirmação é a presença do personagem Mestre Severino protagonista da obra Cais da Sagração que logo no início da trama aparece sentindo fortes dores no peito e sendo levado ao consultório de um médico para que seja analisado tal problema, um barqueiro que vive no interior da Capital do Maranhão com sua companheira de vida (Lourença) e sobre ela tem toda autoridade possível, um homem totalmente machista e preso as tradições de sua época.

O interessante mesmo é que Montello mesmo com uma quantidade diferenciada de obras possuindo diferentes enredos consegue sempre manter uma relação nítida entre todas elas, características que fazem delas um conjunto de obras Montellianas ligadas por traços próprios do autor.

Quando se vem predestinado não se pode mudar o destino, quem diria que um menino criado pelos pais para ser um pastor protestante se tornaria um escritor com valiosos escritos e reconhecido pelo seu povo, realmente Montello deu uma linda reviravolta em sua vida, deixando um legado riquíssimo que até hoje é lembrado por conta de sua trajetória, ou seja, por suas conquistas ao longo de sua vida, deixou um lindo legado para a cultura local de seus conterrâneos, sendo contada e recontada até os dias atuais.

2.2 A IDENTIDADE SOCIOLÓGICA NA CONCEPÇÃO DE HALL

A respeito de identidade, Stuart Hall (2019) tem três concepções exemplares (Sujeito do Iluminismo, Sujeito Sociológico e Sujeito Pós- Moderno), mas para a análise deste trabalho será utilizado a concepção sociológica.

Na concepção sociológica a formação da identidade ocorre pela interação do sujeito com a sociedade, que é através dela que o sujeito vai se construindo e se reconstruindo, pelos pequenos detalhes e pelas pequenas ações observadas e adquiridas. Hall (2019, p. 11):

De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A sociedade pode influenciar um sujeito, mas quando este entra em contato com ela já traz consigo alguns aspectos próprios, o que acontece é só mais uma complementação de valores que o sujeito absorve por estar ali inserido em meio a sociedade, uma sociedade como se sabe é composta de cultura, que é transferida para seus integrantes durante o tempo que eles convivem dentro dela, a cada meio social que uma pessoa integra ela irá se deparar com culturas diferentes e a cada novo contato serão novos costumes adquiridos que servirá de complemento para formação de sua identidade, pois cada uma tem suas peculiaridades e suas próprias formas de agir.

Para melhor entender a concepção de sociológica, imagine uma pessoa que nasceu em uma cidade e teve que se mudar para outra logo na adolescência, quando esta pessoa chegar no lugar destinado irá se sentir muita estranheza na forma de falar e de agir das pessoas que ali vivem, sabe por quê? Porque ela não foi acostumada com os costumes que encontrou ali, ela carrega consigo uma rica cultura de onde cresceu e absorveu todos os aspectos possíveis. Essa concepção é exatamente isso, a absorção de cultura acontece quando o sujeito compartilha o interno e absorve o externo, um depende do outro para construção de uma identidade.

2.3 A CONSTRUÇÃO DA PERSONALIDADE DA PERSONAGEM LOURENÇA NA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO

Lourença fazia parte do contexto das mulheres do final do século XIX, tinha um a postura de mulher dona de casa, prestativa, respeitava seu marido acima de tudo e nunca lhe levantara a palavra em vão a não ser que ele pedisse sua opinião que quase nunca a pedia.

Antes de morar com seu atual esposo, Lourença vivia na companhia de seu pai e logo passou a ser mulher de Severino um homem que levava a vida como barqueiro no interior do Maranhão fazendo viagens para o litoral do estado. Quando o Mestre saía para suas viagens ela ficava sozinha em casa esperando sempre pela sua volta. Esta moça nunca levantara a voz para o seu companheiro, sempre seguia todas suas ordens e caprichos, sempre fazia de tudo para agradá-lo nem que para isso custasse sua infelicidade.

A personagem a ser analisada tinha personalidade fraca e sem atitudes próprias, agia em prol de seu marido, ou seja, ela nunca fazia algo por benefício próprio, ela se sentia feliz em ter um marido ao seu lado mesmo que não fosse um casamento oficializado como manda a igreja, mesmo estando na companhia de Severino há anos nunca se preocupou por ele não ter casado oficialmente com ela, vivia um casamento amigável ao lado de um homem machista e tradicionalista.

Muitas vezes o passado de uma pessoa pode ser o reflexo de seu presente, tem pessoas que foram criadas em ambientes onde não tiveram carinho, uma boa convivência, uma boa infância, ou

até mesmo ter passado por momentos muito difíceis. Em uma passagem do livro mostra Lourença dizendo que apanhava de seu pai enquanto esteve morando com ele. Montello (1996, p. 52):

Lourença queria queixar-se, no teimoso esforço para se compenetrar da injustiça da sorte; mas logo reconhecia que não era direito. Dos dois, pensando bem, quem tinha culpa era ela. Mestre Severino dera-lhe casa, dera-lhe comida, dera-lhe roupa, dera-lhe carinho, tirara-a das mãos do pai que lhe batia, e a verdade é que ela não lhe tinha dado, ao fim de tantos anos, o filho que ele sempre deixava dentro dela, à noite, quando voltava das viagens.

Logo Lourença começa a refletir sobre isso após descobrir que o homem com quem passara grande parte de sua vida mesmo sem ser casada oficialmente estava prestes a trocá-la por outra que acabara de conhecer na capital do Maranhão (São Luís), e mais seu companheiro iria casar-se com ela na igreja. Mesmo com tudo que estava acontecendo com esta moça ela não tinha raiva nenhuma de seu companheiro, a única coisa que ela sentia era remorso de si mesma por não ter dado um filho para o seu marido apesar de tantos anos vivendo juntos e sentia que, mesmo com tudo que estava acontecendo a sua volta não poderia reclamar de nada, pois ali tinha comida e uma casa para morar e no momento estava grata por tudo o que seu companheiro já tinha feito por ela. Montello (1996, p. 27):

- Se ele me falta, que é que vai ser de mim, sozinha neste mundo com o Pedro, que não passa de um menino? Ah, meu Deus, não me deixe ficar no ora-veja, tonta, sem saber para onde me virar. Estou velha, já penei muito, tenha pena de mim!

A única companhia que Lourença tinha era seu marido Severino e seu neto, o barqueiro era quem sustentava a casa e mantinha as ordens a serem seguidas, o que ela sabia fazer mesmo era só os serviços domésticos e cuidar da família, a criança de quem ela cita acima é o Pedro neto de seu marido filho do fruto do amor entre ele e Vanju, a moça com quem ele se casou na capital do Maranhão.

Esta mulher que acatava todas as ordens de seu marido deveria entender que mulher nenhuma deve aceitar de um homem menos do que merece. Nenhuma mulher deve se sentir incapaz só porque não conseguiu engravidar para dar um filho ao seu marido, o homem também deve entender que uma mulher não será menos mulher se não poder engravidar, isso é apenas mais um detalhe da vida, mas para o contexto em que eles viviam, ter um filho para formar uma família era o principal foco dos casamentos daquela época. A personagem da trama sofria muito pelo fato de não poder dar o tão sonhado filho que seu marido tanta ama e com isso começa a si torturar e a se sentir culpada do fim de seu casamento. Montello (1996, p. 52):

- A culpa é minha, de mais ninguém.

E foi ela própria que preparou a casa, com dois dias de antecedência, para receber a outra, que ia ficar agora no seu lugar. Pôs uma colcha bordada na cama da alcova, um pano de croché na mesa de jantar, areou os talheres até ficarem espelhando, limpou os móveis, preparou os doces para as duas compoteiras de vidro do aparador, e ainda temperou a galinha de cabidela, o leitão de vinha d'alhos e o arroz de forno dourado, com rodela de linguiça e paio, que sabia fazer como ninguém. De vez em quando parava tudo, como se não quisesse mais prosseguir e ficava a um canto, de braços cruzados, olhando a esmo, o coração apertado, com vontade de chorar. Acabava reagindo, e retomava o trabalho, suspirando.

Que situação complicada essa moça vivenciou dentro de sua própria casa, tendo que preparar com tanto rigor um almoço especial para a chegada da mais nova esposa de seu antigo marido que até então havia lhe trocado por uma mulher mais bonita e mais jovem da capital maranhense. Mesmo com tanta tristeza e com o coração partido estava ela ali tentando satisfazer as vontades de Severino, estava à beira do fogão preparando uma de suas melhores refeições para o mais novo casal (Vanju e Severino). No fundo Lourença queria apenas um lar para chamar de seu, se conformava com tudo e com todos, afinal ela nunca reclamava de nada, apenas que devia de cumprir sua sorte.

Não são todas as mulheres que agem assim como Lourença, muitas mulheres dos séculos passados inclusive a personagem a ser analisada não possuem uma meta de vida, para elas tudo estava bom e viviam para servir seus maridos, não poderiam ter outro sonho a não ser o de cuidar da casa e dos filhos e acatar as ordens de seus maridos. Desta forma aprenderam enquanto estavam na companhia de seus pais e assim algumas já estavam acostumadas a serem dominadas pelos pais e depois pelos maridos. Esta personagem adquiriu características das mulheres educadas para cuidar do lar, convivia com o pai violento, no entanto a relação de dominação de Severino sobre ela não era mais nenhuma novidade já que ela era acostumada a ser maltratada. Ela apenas queria viver em paz em seu casamento e ter alguém ao seu lado para lhe fazer companhia.

De vez em quando Lourença dava uma espionada na rival que acabara de tomar seu marido e seu lugar de dona da casa. Montello (1996, p. 54):

Comparava seu jeito rústico com os modos finos da moça de São Luís, e dava razão à preferência de Mestre Severino. De pés no chão ou nas sandálias cambadas, vestido corrido e velho, os primeiros fios de cabelo branco descendo para os ombros, duas rugas profundas entre a asa do nariz e o canto da boca, consumida pelos trabalhos da casa e as tribulações da sorte, Lourença reconhecia que nem por sombra podia competir com a Vanju, que mesmo sem se arrumar era bonita.

Ela via nesta moça tudo o que ela não tinha e mesmo que ela se arrumasse tinha uma ideia de que nunca chegaria aos pés dessa moça, por isso sofria calada enquanto servia a moça da capital que não sabia se quer fritar um ovo. Na verdade, uma era o oposto da outra Lourença se sentia inferior a Vanju, pois Vanju era uma mulher nova, refinada e bem-vestida, enquanto ela já estava de cabelos

grisalhos e não tinha uma boa vestimenta assim como a tal que seu marido acabara de se casar, todos esses aspectos fazem com que essa mulher traída se sinta cada vez mais impossibilitada de acreditar em uma vida melhor a não ser essa que levava com seu esposo que lhe trocara por outra. Montello (1996, p. 35):

Nunca Mestre Severino tinha visto uns seios como os da Vanju, rijos, altos, mamilos pequeninos, e que agasalhara enlevado na concha das mãos felizes, com a impressão de lhes sentir a palpação sensual. Nem se recordava de outra cintura como a dela, de curvas tão suaves, o umbiguinho quase ocluso, quadris cheios, o risco leve de uma cicatriz por cima do sexo, as coxas unidas, talvez um pouquinho grossas, logo resvalando docemente para os joelhos, toda a nudez envolta pela tez de tom uniforme, mais róseo que moreno queimado, sem uma só mancha, o pêlo macio a arrepiar-se de leve quando seus dedos viris deslizavam sobre ele no impulso irreprimível de uma carícia.

Era muito dolorido para esta mulher ver que seu marido lhe trocou por uma moça mais nova cheia de vaidades, Vanju era totalmente o seu contrário, era uma mulher de pele morena e macia, cabelos pretos, cintura fina era de uma beleza para ninguém colocar defeito, mantinha uma vestimenta de puro luxo, coisa que Lourença nem em seus melhores sonhos poderia lhe imaginar usando tal traje assim.

Para mestre Severino, Vanju era a mulher dos sonhos, quando resolveu se casar com ela passou por cima de todo o seu tradicionalismo, sabe por quê? A mulher por quem ele acabara de se apaixonar era uma meretriz, uma mulher sem caráter nenhum diante a sociedade da época, não seguia os mesmos costumes que o barqueiro tanto propagava. O velho barqueiro estava mesmo era apaixonado pela moça que tinha conhecido na capital, pelas curvas e pelo corpo belíssimo que a moça possuía, ficou tão abismado com a aparição dessa mulher em sua que no desenrolar da história ele até se questiona sobre a mulher que Vanju é sobre a mulher que Lourença é, para ele não poderia voltar a ter e a amar sua esposa de casa depois de ter se debruçado sobre o corpo de sua atual pretendente.

Na realidade Lourença era vista como a serviçal da casa, vivia limpando e cuidando da casa e até da nova rival que não sabia fazer nada de serviço doméstico, a única coisa que sabia fazer muito bem era passar o dia se embelezando e folheando revistas até se cansar.

Através das seguintes citações do livro da obra Cais da sagração nota-se que Lourença era um ser humilde e que acima de tudo dava o máximo de si para que tudo saísse bem dentro de casa, momento algum repreendia seu marido e nem fazia confusão a respeito das situações que ele ocasionava dentro de casa, sempre acatou os desejos do marido, buscando sempre a harmonia familiar, não se vestia e nem era mais jovial como sua rival, mas seus deveres de dona de casa eram realizados com muita responsabilidade, arrumava a casa e cozinhava muito bem, foi até quem preparou um jantar delicioso para sua mais nova companheira de lar. Montello (1996, p. 53):

Viera para ali mocinha, cheia de corpo, os seios rijos, a pele fresca, muita luz nos olhos, e agora começava a envelhecer, já transpostos os trinta anos, quase sem gosto para se arrumar todas as tardes, o fastio das festas, a tendência para matutar sozinha, de mão na ponta do queixo, sempre que Mestre Severino tardava a regressar de São Luís.

Lourença sofria calada e vivia a se comparar com a novata que acabava de adentrar sua casa, a moça era jovem e bonita, enquanto ela já estava quase na casa dos trinta anos, toda essa elegância de Vanju de algum modo mexia com o seu psicológico, pois seu marido já estava fascinado por essa tal moça a ponto de casar-se às pressas e a levar para dentro de casa uma em tão pouco tempo de conhecimento com ela. Severino transformou Lourença em um serviçal que antes só servia a ele e agora até mesmo sua mais nova esposa.

O amor pode ter tomado conta do coração dessa moça que faz de um tudo para satisfazer as vontades de um homem machista, não só o amor, mas o contexto da época em que ela vivia prezava muito por uma educação em que a mulher se tornasse submissa aos seus maridos logo após o casamento. As mulheres daquela época não tinham outra escolha, como aparece em uma citação anteriormente, Lourença morava com um pai que lhe batia, logo depois passou para a companhia de seu atual marido, o barqueiro que continuou as opressões, ela sofria quando morava com o pai mão, por isso para ela não foi nenhuma novidade o tratamento que ela recebia de seu atual companheiro Severino, nota-se Lourença tinha uma personalidade simples e acatadora perante todas as situações rotineiras, a vida que ela teve antes dela chegar vir a morar com Mestre Severino fez com que ela se tornasse um ser submisso, sólido e infeliz.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da personagem Lourença na obra *Cais da Sagração* de Josué Montello revela-se fundamental para compreendermos não apenas a construção de sua identidade, mas também a maneira como a autora aborda temas universais como a busca por pertencimento, a memórias coletivas e a complexidade das relações humanas. A trajetória de Lourença é marcada por um profundo enfrentamento de conflitos internos e externos, que ressoam com a realidade de muitos indivíduos que buscam se entender dentro de um contexto social e cultural específico.

Ao longo do artigo, evidenciamos que a formação da identidade de Lourença não ocorre de maneira isolada, mas sim em diálogo constante com os personagens que a cercam e com os elementos históricos e sociais que compõem o cenário da narrativa. Essa interação enfatiza o papel da memória coletiva na construção de sua subjetividade, destacando como as experiências compartilhadas influenciam sua autopercepção e suas escolhas.

Além disso, Montello, ao desenvolver a personagem de Lourença, nos convida a uma reflexão mais ampla sobre a condição humana, evidenciando que a complexidade das relações interpessoais muitas vezes desafia as convenções sociais. O autor utiliza a figura de Lourença para explorar questões de identidade feminina, individualidade e coletividade, ressaltando a importância de dar voz a histórias que muitas vezes permanecem à margem.

Por fim, a obra não apenas contribui para o entendimento da literatura contemporânea brasileira, mas também reforça a relevância do estudo das construções identitárias em suas múltiplas dimensões. A análise da personagem Lourença em *Cais da Sagração* revela as nuances de uma identidade em constante transformação, que nos instiga a questionar nossa própria trajetória e a relação que temos com a história que nos cerca. Assim, Montello se estabelece como um autor imprescindível para compreendermos a complexidade da literatura e a profundidade das experiências humanas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2017. BOSI, Alfredo. **História da literatura brasileira**. 52ª ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração**: romance. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MORAIS, Jomar. **Apontamentos de Literatura Maranhense**: Uma abordagem contextual que leva em conta os fatores políticos, sociais e econômicos. 3ª ed. São Luís- Maranhão: Edições Sioge, 1979.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves & Cia, 1916.

CÂNDIDO, Antônio. **Iniciação à Literatura Brasileira**: Resumo para principiantes. 3ª ed. São Paulo: Humanistas, 1999.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. Disponível em:

http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/N3RULEGGRNSxsmJ_2014-4-16-21-35-4.pdf. Acesso em 10 de Junho de 2020.

A IDENTIDADE DO INDIVÍDUO E SUA CONSTRUÇÃO NAS RELAÇÕES

SOCIAIS: Pressupostos teóricos. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/22367-39263-1-SM%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/22367-39263-1-SM%20(3).pdf). Acesso em 10 de Junho de 2020.

AS MULHERES BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX. Disponível em:

http://legpv.ufes.br/sites/legpv.ufes.br/files/field/anexo/karolina_dias_da_cunha.pdf. Acesso em 12 de Junho de 2025.

CERQUEIRA, Larissa Agostini. **As contribuições do Modernismo para a Literatura e a Crítica Brasileiras**. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/3508-9827-1-PB.pdf>. Acesso em 10 de Outubro de 2025.

FORMAÇÃO E PERSONALIDADE: Conceitos e Orientações. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/formacao-e-personalidade-conceitos-e-orientacoes.pdf>. Acesso em 10 de Agosto de 2025.

GRATIDÃO: Um estudo longitudinal sobre o impacto pessoal e relacional. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3050/1/ulfp037537_tm.pdf. Acesso em 15 de Julho de 2025.

BIOGRAFIA DE JOSUÉ MONTELLO. Disponível em:

<http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/josuemontello.htm>. Acesso em 16 de Agosto de 2025.

MULHERES MACHADIANAS: Submissão e resistência. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/17.pdf>. Acesso em 16 de Agosto de 2025.